

toridades em história econômica da época moderna, particularmente da expansão européia: Jacques Godechot, juntamente com R. Palmer, vem renovando os estudos sobre a revolução francesa, inserida no quadro da revolução “atlântica” (cf. *La Grande Nation*, Paris, 1956). Jean Baptiste Duroselle, Claude Fohlen, e Jean Delumeau estão igualmente integrados nas mais modernas linhas da investigação e reflexão históricas. Assim, bem projetados e bem executados, os volumes da Nova Clío já começam a prestar serviços. Esperemos que a coleção seja levada a término (ao todo são 46 volumes) mantendo o seu alto nível.

**FERNANDO A. NOVAIS**

\*

\* \*

DUROSELLE (Jean-Baptiste). — *L’Idée d’Europe dans l’Histoire*, Paris, Denoël, 1965. 331 pp., (Coleção Europa Una).

*L’Idée d’Europe dans l’Histoire* é um dos mais recentes trabalhos do já conhecido historiador Jean-Baptiste Duroselle. Foi publicado pela primeira vez em Milão em 1964; esta é a primeira edição francesa.

O trabalho é prefaciado por Jean Monnet, defensor da formação dos “Estados Unidos da Europa” ou “Comunidade Européia”. Isso parece ser preocupação constante em grande parte dos historiadores europeus da atualidade, que aspiram a união dos povos europeus e o estabelecimento de uma “comunidade superior”, visando uma coexistência pacífica com a U.R.S.S. e os Estados Unidos da América.

O problema do aparecimento e da existência de uma comunidade de nações na Europa, sugeriu este trabalho a Duroselle. Nêle, o A. acompanha a palavra **Europa** desde o seu aparecimento entre os gregos, no século VII a. C., até a sua significação após a paz mundial de 1945. Nêsse período, analisa tôdas as concepções que foram feitas sobre **Europa**. Realça sempre o aspecto político, justificando-se: “A Europa é acima de tudo, um conjunto de países, seguindo tais regras de direito público, praticando tais tipos de diplomacia, tendo tais tipos de concepções sobre a guerra” (pág. 24).

Nessa linha de desenvolvimento, Duroselle mostra, que, ao contrário do que comumente se pensa, a idéia de uma Europa unificada, de uma sociedade de nações, somente apareceu dentre as cinzas da segunda Guerra Mundial: 1945 marca o fim da “Velha Europa”. Dos destroços da guerra, surge um novo pensamento, uma concepção de Europa Unida que é imprescindível para a própria manutenção da paz. Dêsse modo tôdas as tentativas de unificação da Europa feitas antes de 1945 ficaram, quando muito, somente em planos no papel.

Para a melhor composição do seu trabalho, Duroselle se coloca como “historiador” e não, como “historiador europeu”, acentuando bem

a sua intenção de neutralidade no assunto. Baseia tôda a sua análise, em textos dos mais significativos filósofos, historiadores, homens de Estado e economistas que surgiram durante vinte e oito séculos de história européia. É um trabalho de fôlego; também já feito e, com êxito, por historiadores como Carlo Curcio e Dénis de Bougemont. Com essas preocupações, Duroselle fornece uma vasta bibliografia da História da Europa em todos os campos.

Duroselle inicia seu trabalho, mostrando a “idéia de Europa”, durante o desenvolvimento das civilizações clássicas de Grécia e Roma: Europa é uma região geográfica. No auge do Império Romano, não há Europa, há a **respublica romana**, que domina as “terras de Europa” e que, quando perde o prestígio e cai, dá lugar a uma “respublica christiana”.

Segundo Duroselle, na época de Carlos Magno, século IX, parece haver algo mais que o sentido puramente geográfico de Europa: há uma unidade cultural e política, o que não basta para formar a sociedade de nações que hoje é tão comentada. Duroselle identifica a Europa da alta Idade Média, com o Ocidente, com tudo aquilo que se une para o combate aos mouros. Essa Europa cristã poderia se transformar na comunidade européia de hoje, não fôra a consolidação dos estados e a prática da **balance of power** do cardeal Wolsey, primeiro ministro inglês, no século XVI.

Até este ponto a análise de Duroselle não se prende a detalhes: são tomados os grandes marcos de mais de vinte séculos de história da Europa. A partir daqui, seja pela maior facilidade de textos para a análise, seja pelo maior conhecimento do período por parte do autor, seja pelo uso mais freqüente da palavra Europa, o trabalho é mais minucioso e cuidadoso. Principalmente no que se refere aos séculos XIX e XX, o trabalho é bastante calçado numa outra obra do Autor, publicada pela coleção **Nouvelle Clio** em 1964.

Duroselle passa a apresentar uma Europa que se descobre num mundo nôvo, face à Rússia (que se ocidentaliza). Torna-se difícil dizer o que é Europa, já que, por um lado ela se prolonga na América e, por outro, se confunde com a Rússia. Isto dura pouco, pois, por todo o século XVII, e, principalmente XVIII, Duroselle caracteriza uma Europa cosmopolita na qual surgem várias idéias de unificação, idéias estas que se diluem em meio à Revolução Francesa.

Duroselle mostra a Revolução Francesa como um fenômeno tipicamente europeu que, todavia, dividiu a Europa e intensificou a aplicação do sistema da **balance of power**. Na época de Napoleão Bonaparte há três Europas: a primeira é a Europa que Napoleão pretende unificar sob seu poder; contra essa, há a Europa dos nacionalismos nascentes; contra elas e, vitoriosa, a Velha Europa da **balance of power**. “O interesse dos Estados mata os princípios de união européia” (p. 177), eis, em síntese, a conclusão de Duroselle sobre a Europa da Santa Aliança.

Se o período napoleônico não culminou com uma “sociedade de nações”, segundo entende o Autor, o período que se segue à Santa Aliança e ao “Concôrto Europeu” é importante pelas inúmeras tentativas de união das nações européias. Com o pleno funcionamento

da política da **balance of power**, é difícil, segundo Duroselle que a unificação se faça do ponto de vista político, mas isso não impede que Napoleão III tente nos fins do século XIX fazê-la através da economia, esboçando um Mercado Comum que desaparece com a “Paz Armada”.

A Europa que Duroselle encontra após a guerra, não se parece em nada com a comunidade europeia de hoje: a paz tratada em Versalhes fala em termos de política europeia. Além disso, a Rússia se afasta após a Revolução de 1917. Começam então as tentativas desesperadas de aprovação de projetos para evitar a guerra. Tudo é feito em vão. Delineia-se o que Duroselle chama de “Europa escrava de Hitler”.

Hitler pensa, como Napoleão numa Europa unida, mas sob o racismo. Seu sonho termina com o “desastre europeu”. A última palavra de Duroselle sobre a guerra é, em certo sentido, de louvor, pois após dividir a Europa em duas partes, essa guerra teve o mérito de unir as nações não totalitárias em uma verdadeira **comunidade europeia**, em uma verdadeira **sociedade de nações**. Aí, e somente aí, êses termos podem ser usados **de fato**, com as nações do velho continente “numa necessidade de sobreviver, ultrapassando o estreito nacionalismo, unindo-se e esquecendo o passado para construir o futuro” (p. 311).

Nas suas conclusões Duroselle estabelece que após êsse período de vinte e oito séculos de História Européia, restam três idéias básicas de Europa: estão superpostas, a Europa Geográfica, a Europa da Civilização e a Europa da Unidade. A primeira aparecendo com os gregos e se mantendo sempre; a segunda, sempre existente, pois em quaisquer termos que sejam tratados, “existe uma civilização subjacente a toda a Europa” (p. 318); a terceira, sempre projetada e de vários modos: “pela força, pelo consentimento mútuo, pela diversidade, pelo princípio”.

O problema continua ainda hoje: para que se mantenha, a Europa deve unir suas nações. Pela economia? Pela política? ainda o debate... “êle não nos deixa indiferentes. Quer queiramos ou não, nosso futuro depende do modo que se desenvolverá a idéia fecunda de Europa” (p. 331).

#### MARIA LÍGIA BARBOSA MANTOVANI

\*

\* \*

RODRIGUES (Lêda Boechat). — **História do Supremo Tribunal Federal**, Tomo I (1891-1898), “Defesa das Liberdades Civis”, Rio de Janeiro, Editôra Civilização Brasileira S.A., 1965, 191 pgs.

Talvez um dos motivos do sucesso da análise de Lêda Boechat Rodrigues possa ser procurado no jôgo dos documentos. E’ êle, em grande parte, o responsável por essa instituição surgir nítida aos nos-